

Errância e enunciação desejan­te na adolescência

Aline Guimarães Bemfica¹

Resumo

Neste artigo, propõe-se uma abordagem da errância na adolescência enfatizando-se a dimensão do desejo anônimo. A partir da investigação freudiana sobre as transformações da puberdade e da tese lacaniana sobre o despertar do sonho infantil, aborda-se o tema do desejo anônimo e do não-pertencimento dos jovens no campo do Outro parental e social, especificamente, entre os adolescentes infratores marcados pelas insígnias do erro e do pior. Haveria, nesses casos, um espaço para a enunciação desejan­te?

Palavras-chave: adolescência, errância, ato infracional, desejo, anonimato.

Anonymity, wandering and desire enunciation in adolescence

Abstract

In this article, it is proposed an approach of the wandering in the adolescence emphasizing the dimension of the anonymous desire. From the Freudian research on the transformations of puberty and the Lacanian thesis on the awakening of the child's dream, the theme of the anonymous desire and non-belonging of the young in the field of the parental and social Other, specifically, among the juvenile offenders marked by the insignia of error and the worst. Would there be, in such cases, a space for desiring enunciation?

Keywords: adolescence, wandering, delinquency, desire, anonymity.

Introdução

Neste artigo, aborda-se o tema da errância na adolescência a partir de uma reflexão sobre o desejo anônimo e o lugar de objeto-dejeto que particulariza o adolescente no campo familiar e social e suas consequências subjetivas. Indica-se que a errância é uma resposta subjetiva que tem relações com o desejo anônimo e com o não-pertencimento dos jovens no campo do Outro parental e social. Especialmente quando eles são reconhecidos e particularizados pelos outros que o circundam a partir de predicções que lhe outorgam o lugar do “pior” no campo do Outro social e familiar. Este lugar do pior é uma faceta do objeto-dejeto com o qual o adolescente está identificado, especialmente, em contextos de graves rupturas do campo relacional familiar e institucional.

Como se deslocar do espelho do Outro? Em meio às condições tão adversas e a um processo de subjetivação que permita ao adolescente se deslocar dessa referência de objeto-dejeto, vale a pena apostar nos efeitos de uma psicanálise? Como trabalhar na perspectiva do advento do sujeito, tal como orienta a psicanálise? Seria a errância desses adolescentes uma tentativa de se deslocarem das predicções

que os reduzem ao lugar de objeto-dejeto no campo do Outro familiar e social?

Assim, parto das leituras psicanalíticas - freudianas e lacanianas - da puberdade e da adolescência para propor, a partir daquilo que a experiência de trabalho me apresentou, pensar sobre a errância na adolescência em duas perspectivas: o lugar de objeto-dejeto do adolescente confrontado com o anonimato do desejo do Outro parental e social; e como positividade, abertura para o novo. Ou seja, a errância na adolescência como potencialidade de enunciação de uma posição desejanse.

Adolescência e não-pertencimento no campo do Outro familiar e social

Em sua análise sobre “as transformações da puberdade” Freud (1905/1996) esclarece que o adolescente é confrontado com o deslocamento de seu lugar no seio familiar na medida em que se vê impellido a realizar três trabalhos. Primeiramente, ele precisa se reposicionar, diferentemente da vida infantil, em relação à apropriação de seu corpo e de sua história; em segundo lugar, ele é convocado à dimensão da estrangeiridade que caracteriza o pulsional; e, finalmente, é necessária a realização do trabalho de superação dos ideais que o veiculavam à autoridade parental, que, diferentemente do

tempo de Freud, em nossa época, não estão em declínio, mas, contrariamente, já declinaram, seja na família, na sociedade, na política ou na justiça.

Este trabalho de travessia do adolescente de seu mundo infantil ao mundo adulto aponta para a potencialidade da errância na medida em que acentua a dimensão do estrangeiro que é o adolescente a ele mesmo. A sua estrangeiridade se refere ao luto necessário de seu corpo infantil e que ele deverá, com novos custos, reinscrever no campo do Outro. Essa reinscrição de seu corpo e de sua imagem no campo do Outro torna-se mais complexa para os jovens cujas trajetórias são marcadas por grandes rupturas do campo relacional familiar e institucional, configurando uma errância subjetiva referente à falta de um lugar desejante tutelado pelo Outro familiar que o circunda.

A situação de jovens que tiveram a sua trajetória marcada por rupturas foi abordada por Freud, em relação as aplicações da psicanálise e sua implicação com a sociedade, na escrita do prefácio do livro de August Aichhorn, intitulado “Verwahrloster Jugend”. Freud (1925/1996) traz uma reflexão sobre a incidência da psicanálise no campo da educação e no trabalho com adolescentes

delinquentes ou infratores - os “desaventurados”, também por ele denominados como “casos mistos e fronteirizos” (p. 25). Este trabalho de Aichhorn (2006) se deu no contexto após a Primeira Guerra e se desenvolveu em dois campos de saber e de ação: a psicanálise aplicada na interface com o campo da educação e da justiça, no tribunal de menores. A sua pesquisa é resultado da formalização de sua prática como diretor de um reformatório juvenil e produziu uma fecunda reflexão sobre a função da família e das instituições educacionais e judiciárias na vida dos adolescentes cujos laços no campo do Outro se tornaram frágeis devido às consequências da guerra.

Aichhorn, ao relatar e analisar a sua experiência de trabalho, situa as consequências subjetivas da guerra para os adolescentes acompanhados por ele, assinalando, especialmente, as condições familiares destes jovens, a perda de referências simbólicas de pertencimento no campo social e a ausência de projetos de vida. Como contrapartida, ele localiza a importância da construção de novos laços do adolescente com a cultura como um bordejamento ao trauma da guerra e ao desamparo, considerado por Freud (1985/1996) como “a fonte dos motivos morais” (p. 431).

Ao retomar o título desse livro, traduzido por Dr. R. Del Portilho como “Juventud descarriada”, Hebe Tizio (2007) propôs a substituição do termo “descarriada” pelo significante “desamparado”. O seu argumento para a realização dessa alteração foi a retirada da ênfase da delinquência juvenil e o acento nos efeitos do desamparo radical do Outro familiar e social sobre o adolescente, já que o que se apresenta sobremaneira nos casos acompanhados por Aichhorn são os efeitos de desregulação pulsional ocasionados pela perda dos laços que a guerra produziu na vida desses adolescentes.

Essa perspectiva adotada pelo autor acima, em muito nos interessa. Isso porque, no contexto de vida dos jovens na favela das grandes cidades brasileiras, a cultura do tráfico de drogas e a guerra diária, que mata um grande número de jovens, coloca em pauta, entre outras, essa mesma questão já assinalada por Freud (1925) e August Aichhorn (2006), ou seja, o efeito da desregulação pulsional causado pelo desamparo radical do Outro familiar e social, que produz tanto uma captura fácil dos adolescentes pelas malhas do tráfico de drogas, quanto seu Outro tirânico, com suas leis e hierarquias particulares.

Nesse contexto, especialmente para os jovens que se encontram “desarrimados do Outro”, para utilizar uma expressão de Lesourd (2004), a errância pode ser uma primeira resposta subjetiva, assim como, a criminalidade pode produzir um efeito de filiação, dando aos adolescentes um sentimento de pertencimento, ainda que em uma conjunção sustentada por uma lei de ferro.

Somada a essa referência sobre o não-pertencimento do adolescente no campo social e familiar, Debieux e Vincentin (2010) sustentam que “nessa posição de expulso, o sujeito perde a sua visibilidade na vida pública, não tem voz, entra no universo da indiferença” (p. 114). O que me interessa sublinhar nesta reflexão apresentada pelos autores acima é que, quando fracassam os dispositivos educacionais, entre eles, a família, a comunidade e a escola; o sentimento de pertencimento do adolescente no campo do Outro que sustenta a presença de um desejo de saber e de viver é colocado em risco, tal como esclarece Lacadée (2011). Pois, um adolescente marcado pela invisibilidade é aquele que pode estar em todo lugar e, ao mesmo tempo, se encontrar em lugar algum. Nesse sentido, a invisibilidade se conjuga ao sentimento de não-pertencimento do adolescente desabrigado do Outro, marca fundante da

errância entre os jovens que, em alguns casos, convocam, a partir de seus atos infracionais, o Outro da lei e da proteção (Douville, 2002; Lesourd, 2004). Trata-se, para estes adolescentes, da radicalidade do encontro com a inexistência desse Outro, seja no campo familiar ou no campo social. Por sua vez, os laços construídos por estes jovens têm a marca da instabilidade.

A questão do laço com o Outro foi apontada por Jacques Lacan quando ele trabalhou o tema da adolescência. Ele dedicou uma atenção especial a este tema na década de setenta, a partir da ideia de despertar e da tese freudiana, extraída de seus três ensaios sobre a teoria da sexualidade (Freud, 1905/1996), de que a sexualidade faz furo no real (Lacan, 1974/2003). Ao situar o real em jogo, no encontro com a puberdade, a leitura lacaniana sobre o despertar da sexualidade na adolescência, coloca em relevo a tese da inexistência da relação sexual e o malsucedido, que é o encontro com a sexualidade para cada ser falante (Lacan, 1974/2003).

A sua grande contribuição é o pequeno texto escrito a partir do aporte da literatura e intitulado “Prefácio a *O despertar da primavera*, de Franz Wedekind” (1974/2003). Esse escrito se inicia com o testemunho do jovem

Melchior sobre o fim da inocência, que marca a sua entrada na puberdade, e o despertar do sonho infantil. Nesta peça de Wedekind (2004) é demonstrado o valor real que tem, para cada jovem personagem, o encontro com o corpo, com o gozo e com a morte (Lacan, 1973/1974). Em face ao real em jogo para o ser falante duas respostas são apresentadas pelos adolescentes, a saber, o laço com o Outro e o exílio do Outro, ou seja, a entrada no território dos não-tolos, estes que erram (Lacan, 1973/1974). Passemos, rapidamente, pela peça de Wedekind (2014) e por algumas falas dos personagens que compõem essa peça e que apresentam a problemática da adolescência:

(a) O declínio da autoridade paterna:

Moritz: “Para que serve uma enciclopédia que responde tudo, menos a pergunta mais importante sobre a vida?” (p. 4)

Wendla: “Sabe o que eu acho? Que todo mundo que consegue escapar da religião cai de cabeça na idiotice da superstição”. (p.3)

Wendla: “Não acredita em Deus. Não acredita em outra vida. Não acredita em nada”. (p. 3)

(b) O encontro com o sexual, com o real

Melchior: “uma noite, um dos meninos começa a sonhar e acorda com o instinto fervendo. Eu aposto, Moritz”. (p. 6)

Melchior: “Na verdade eu já tinha tido essa coisa faz um tempo. Um ano”. (p. 8)

Moritz: “Na hora eu pensei que um raio tinha me acertado”. (p. 8).

(c) O enigma, o não-saber e o sem sentido

Wendla: “Não tenho a menor ideia de como as coisas acontecem. Não fique brava, mãe. Para quem eu posso perguntar se não for para você?”. (p. 20).

Melchior: “O tempo inteiro eu me sinto tão distante. Quase um estrangeiro”. (p. 19).

Moritz: “Pensei que eu tinha uma doença sem cura, que eu ia apodrecer por dentro. Aí eu comecei a anotar tudo num diário e isso foi me acalmando”. (p. 6)

O que é universal nessa peça é o impasse que o encontro com o gozo, o corpo e a morte, esses três nomes do real (Lacan, 1973/1974), apresenta para cada adolescente. O que é singular, em contrapartida, é a resposta que cada adolescente pode dar a isso que sobrevem a ele como estrangeiro, desconhecido, ou seja, a irrupção de um gozo, apresentado por Ramirez (2014) como “um despertar que inclui o corpo, já não unicamente como imagem, mas também como sede de gozo. Ali acontece uma passagem entre o menos de gozo na infância para um mais de gozo na puberdade” (p. 11).

Com esta referência, Ramirez (2014) especifica que se trata, no tempo do despertar do sonho infantil, do advento de um excesso pulsional que se impõe ao adolescente, exigindo novas conexões e novas formas de enlace. Entretanto, estas conexões e formas de enlace se tornam mais complexas quando o Outro, que circunda o adolescente, encontra-se desertificado no que diz respeito ao desejo. Passemos, assim, a situar os efeitos subjetivos do desejo anônimo para o adolescente, a partir de algumas situações clínicas.

Angústia e desejo anônimo: algumas situações clínicas

Quando, no campo do Outro familiar, o adolescente encontra o desejo anônimo, como pode ele se particularizar? Levando em consideração a potência do pequeno outro - o semelhante, rival - que ganha a cena subjetiva quando o adolescente não se encontra particularizado, me pergunto: como o adolescente pode se separar do lugar de objeto-dejeto ao ser apartado do desejo do Outro? Não seria fundamental dar lugar, para além dessa destinação ao pior, a uma certa estrangeiridade do adolescente - a de seu corpo, a de seu gozo e a de seu lugar no campo do Outro?

Essas estrangeiridades contrariam a imagem construída pelo adolescente sobre si mesmo e, portanto, contrariam o reconhecimento - ainda que pelo viés do pior - que se tinha no campo do Outro parental e social. É nesse sentido que a psicanálise, ao operar com a linguagem, com a errância do pensamento e das palavras, pode contribuir para a construção sutil de um nome que não aparte o sujeito de sua marca, de seu traço e de seu desejo.

O enigma do desejo do Outro - Que queres? “ - foi trabalhado por Jacques Lacan em “Nota sobre a criança” (1969/1998), a partir da localização na constituição subjetiva da criança, da irreduzibilidade da transmissão de um “desejo que não seja anônimo” (p. 329) e em relação ao qual as funções do pai e da mãe são recolocadas sobre o jugo da psicanálise a partir de duas referências: o desejo da mãe e o pai como vetor de uma encarnação da Lei no desejo.

A irreduzibilidade de uma transmissão que afirme o desejo não-anônimo, apresentado como a função de resíduo da família, indica que é o desejo que particulariza o sujeito, que faz vacilar esse lugar que a criança é convocada a ocupar, o de objeto da fantasia materna, que compõe o jogo da tapeação no qual a criança se confunde, visto que dotada da

função inglória de revelar a verdade do objeto *a* na fantasia materna.

Neste sentido, a mãe, um dos nomes do gozo, deverá sofrer o interdito do Nome-do-Pai que permite metaforizar o seu desejo mediando, assim, a relação do sujeito com a realidade. Quando esse processo se passa razoavelmente, “o sintoma da criança acha-se em condição de responder ao que existe de sintomático na estrutura familiar” (p. 369). Ou seja, o sintoma representa a verdade do casal familiar este seria, segundo Lacan, o caso mais acessível às intervenções do psicanalista. Essa acessibilidade se refere ao fato de que o sintoma da criança traz a marca da metáfora paterna, ou seja, o desejo da mãe, enquanto articulado ao nome do pai, se sustenta, esclarece Santoro (2011), sobre a barra colocada na relação mãe-criança-falo, posto que há algo além da criança ao qual o desejo da mulher se dirige.

Entretanto, nos casos em que o sintoma da criança prevalece como decorrente da subjetividade da mãe, quando a criança está implicada, sem balizas, como objeto da fantasia materna, o trabalho do analista, segundo Lacan (1969/1998), é conhecer outras dificuldades que se referem à exposição da criança às capturas fantasísticas de várias

ordens, na medida em que “ela satura, substituindo-se a esse objeto, a modalidade de falta em que se especifica o desejo (da mãe), seja qual for a sua estrutura especial: neurótica, perversa ou psicótica” (p. 369).

Uma situação clínica de um adolescente acompanhado por dois anos no cumprimento da medida socioeducativa de liberdade assistida ensina algo sobre o que a teoria psicanalítica apresenta. Este jovem, Riobaldo, considerado por sua mãe “um merda, como seu pai”, responde prontamente a esta identificação. Ele não para de se meter em confusão. Ele rouba uma boca de fumo e quase morre: “melhor tivesse morrido, assim não dava trabalho”, ressoa o discurso materno.

Este jovem estava identificado com o nome do pior, ele era guiado em seus passos na vida por esse sintagma “ser homem era ser um merda”. Entretanto, em face a iminência de se tornar pai, este jovem começa a redimensionar os lugares subjetivos de pai e filho, que ele era. Os laços construídos com um orientador social, com quem conversava enquanto ocupava os espaços diversos da cidade, foram fundamentais em sua releitura de si mesmo.

Aos poucos, ao tomar a palavra e falar das “coisas de homem”, ele pode se deslocar desta identificação mortífera “um

merda como seu pai” e assumir um nome que o particularizava “eu sou um trabalhador”. Esta era também uma outra referência paterna, apagada, escondida por trás da sentença materna, e permitiu a este jovem se alojar de outra forma em seu discurso.

Esta reflexão sobre o desejo anônimo que particulariza pelo pior, ao nosso ver, aponta para o que Lesourd (2004) afirmou predominar na juventude hoje em dia, a saber, menos as questões da rivalidade edipiana com o pai, e mais a “questão arcaica da existência do eu diferenciado do outro” (p. 158). Nesta direção, em relação aos comportamentos e atos infracionais na adolescência, Lesourd enfatizou o lugar de “uma delinquência do gozo arcaico com a mãe” (p. 158), ou seja, vinculado a uma confusão mortífera entre o eu e o outro, a uma indissociação do sujeito em relação ao gozo materno.

Essa indiferenciação entre o sujeito e seus outros parece ser uma característica privilegiada nos casos dos adolescentes confrontados com o desejo anônimo no campo do Outro parental. Um adolescente não particularizado no campo do Outro pelo viés do desejo é este que se encontra assolado pelo sentimento de não-pertencimento que o conduz a ser estrangeiro em relação à sua própria vida, a

estar em errância ou a se agarrar à identificações que o mantém alienado à condição de objeto-dejeto.

Localizada esta referência trago, agora, sucintamente, uma outra situação clínica. Vitória, nome fictício dado a uma adolescente acompanhada durante um ano pelo setor de psicologia, comete o ato infracional de roubar um saco de macarrão e um creme para o cabelo em um supermercado. Este ato diz muitas coisas de sua vida: a pobreza, o grande número de irmãos de quem tinha que cuidar, suas feminices e relações amorosas.

Para ela havia apenas duas saídas: “ou a puta ou a ladra”. Quando ela é confrontada com a questão “mas...tem apenas essas duas formas de se colocar no mundo?”, ela passa a falar um pouco de suas relações amorosas, do ciúme, do que a deixava “doida e agressiva”, especialmente com seu namorado e com as mulheres que imaginava que ele olhava ou se interessava.

A abertura discursiva que essa questão produziu para essa adolescente contribuiu para que ela pudesse se aproximar do seu sofrimento e das coisas que a particularizavam. Ela sofria de ciúmes: sempre achava que o namorado estava com o pensamento em outra menina. Nem a santa, nem a puta. Agora

era a “outra”, a outra mulher, que ocupava a sua cena subjetiva. Assim, quando esta jovem pode se dispor à errância da linguagem, alguns elementos novos passaram a ter lugar em seu discurso possibilitando, minimamente, situar o seu sofrimento e falar dele para além das identificações predicativas nas quais ela se alienava.

Sobre a errância na adolescência e a enunciação desejante

O contexto de vida de muitos jovens envolvidos com a criminalidade e, em errância, é marcado pela exclusão social, pela ausência da crença nas figuras de autoridade, pela violência, pela ineficácia das instituições reguladoras, entre elas, a família, a educação e a justiça. Nos contextos de vida dos adolescentes, marcados pela exclusão e pelo risco social, conforme propõe Olivier Douville (2002), a errância deve ser pensada a partir da ideia de falta de inscrição no campo do Outro social e familiar. Esse autor propõe que tenhamos em relação à errância uma atenção particular:

Ela demanda uma atenção particular, pois, ao invés de constituir um sintoma a decifrar, a errância deve, antes, ser situada como uma falta de inscrição e, mais especificamente ainda, como a impossibilidade do

sujeito para superar uma falta de inscrição no que concerne a seu ser e também à sua filiação. (p. 77)

Para os adolescentes marcados pela falta de inscrição no campo do Outro e pela impossibilidade de se apoiar nos semblantes, partindo da premissa de que, em muitos casos, o desejo do Outro se apresenta ao adolescente, seja no campo parental ou no campo social, como um desejo anônimo, é a tirania do gozo que faz valer toda a sua potência sobre os jovens reduzidos à condição de objeto-dejeto.

Essa perspectiva de leitura sobre a errância nos parece ir ao encontro das seguintes abordagens traçadas sobre esse tema: a errância como resposta ao rechaço da vinculação do sujeito à lei do desejo (Sauvagnat, 2004); como sentimento de não-pertencimento e desfiliação que assola o adolescente (Douville, 2002); articulada à falta de significação sobre seu ser no campo do Outro (Lacadée, 2011) e a errância como resposta ao desarrimo do adolescente no laço social (Lesourd, 2004).

E, particularmente, em relação ao lugar de objeto-dejeto, com o qual o jovem pode se identificar no campo do Outro parental e social, especialmente nos casos em que o desejo anônimo dificulta a sua particularização pela via do desejo, a escolha pela errância aponta para uma

primeira tentativa do adolescente em se deslocar do lugar do erro e do pior que ele encontra no Outro, sendo, portanto, positividade, abertura para o novo, pois, conforme ensina Célio Garcia (2011), “não é porque há uma pré-constituição do sujeito ao nível do Outro que ele esteja condenado a nada fazer, ou a agir sempre da mesma maneira no seu embate com o Outro” (p. 30).

Essa perspectiva da errância é anunciada por Sauvagnat (2004) ao nos convocar a pensar na adolescência a realizar-se um trabalho muito particular que alguns jovens precisarão fazer para que eles possam se manter enlaçados em sua vida: o de ultrapassar o “deserto do Outro” e construir, para si mesmos, novas referências nas quais possam se apoiar e outras rotas às quais possam seguir.

Assim, na travessia da adolescência, especialmente nos casos em que a errância destrutiva é uma resposta privilegiada, a construção de um lugar que propicie uma enunciação de sujeito e a construção de uma referência de pertencimento subjetivo é fundamental. Avançando nessa abordagem, Cristina Poli (2005), em seu livro “Clínica da exclusão”, situa o lugar da economia do sujeito na cultura e o laço social, levando-se em consideração, fundamentalmente, a função nominante ou

“da autenticação de um nome ao sujeito” (p. 251) na construção de narrativas que operem como resistência aos discursos hegemônicos, alienantes e excludentes.

E, em relação a essa experiência, cabe ao analista, sustentar o seu desejo levando-se em consideração, tal como sublinha Lacan (1964/1996) que “o desejo do analista não é um desejo puro. É um desejo de obter a diferença absoluta, aquela que intervém quando, confrontado com o significante primordial, o sujeito vem, pela primeira vez, à posição de assujeitar a ele” (p. 260). Pois, conforme aponta Jacques Lacan (1973) em seu seminário “Os não-tolos erram”, erram aqueles que são estrangeiros em relação a si mesmos, no sentido de que são descrentes de seu inconsciente e de sua história.

É nesse sentido que pensamos a dimensão positivada da errância, ou seja, a de abertura do espaço para que o adolescente possa se enredar em sua narrativa, construindo novos enredos que o permitam situar a sua estrangeiridade íntima e potencial. Pois, para utilizar uma expressão de Jacques Lacan (1962-1963/2005), quando o adolescente envereda em sua “partida errante para o mundo” (p. 130), nessa travessia em que tantas vezes prevalece o imperativo do ato, do agir, a possibilidade de dizer e de tomar

a palavra é que pode dar lugar à função da errância em sua vida.

Esse ato de tomar para si a sua palavra e a sua história pode, talvez, produzir algumas condições de balizar a sua angústia, ou seja, de mediar a sua relação com o desejo do Outro, a partir da inserção de índices de separação na alienação que o constitui como sujeito, contribuindo para a construção de referências outras que dêem lugar ao seu despertar.

Essa referência lacaniana, que aponta na direção da pluralização dos nomes do pai em seu ensino, ou seja, situa a perspectiva da invenção possível a cada um em face ao real que se antecipa como impossível de dizer, indica que o itinerário do desejo a ser mapeado por cada adolescente pode servir como uma baliza à sua errância, produzindo um saber em face ao insabido que é o inconsciente na medida em que o verdadeiro está à deriva quando se trata do real.

Nesta direção, ao deslocar-se da errância ao *erreur*, ao *erre*, Jacques Lacan (1973) localiza que erram aqueles que não se encontram enamorados de seu inconsciente, aqueles que não são tolos do real, embora errem também os que o são. Sobre o real e o “*erre*”, “esse negócio que impele”, Lacan pronuncia:

Mas é talvez esse erre (e, dois, r, e) vocês sabem, esse negócio que impele aí, quando o navio se deixa balançar – é talvez aí que podemos apostar em achar o Real um pouco mais adiante [...]. (p. 57)

Seguindo os passos lacanianos neste seminário, Táboas Gonzáles (2015), enfatiza a referência ao *iterare* em oposição ao viajante errante e situa a repetição, o recomeço constante, a insistência disso que impele e que encontra na linguagem, na errância, à qual o analisante se dispõe ao tomar a palavra e deslizar na língua, a chance de poder encontrar uma outra coisa que possa responder pela sua condição de sujeito de desejo. Assim, ao se deslocar metonimicamente da errância ao *erreur* e, finalmente, ao *erre*, à letra, a errância é situada por Jacques Lacan, tal como sustentado pela citada autora, nos domínios da repetição, para afirmar, conforme mencionamos anteriormente, que o erro do qual se trata na errância é este de se acreditar que se é um estrangeiro em relação à própria vida.

Conclusão

Neste artigo, fruto da pesquisa de doutorado intitulada “A errância entre o desejo e o gozo e sua relação com o ato infracional na adolescência”, abordei a

errância na adolescência a partir da investigação freudiana sobre as transformações da puberdade e da tese lacaniana sobre o despertar na adolescência.

A partir das reflexões concernentes à pesquisa em psicanálise e ao trabalho, no campo da psicanálise aplicada com os adolescentes em situação de envolvimento com as práticas infracionais, extraí como tema central de investigação, a relação entre a errância na adolescência e o anonimato do desejo parental, demonstrando os elementos subjetivos que compõem esta relação.

A análise desta relação indicou que, no trabalho com os jovens confrontados com um radical desabrigo do Outro familiar, é preciso atentar paralelamente ao trabalho clínico realizado, para a construção de ancoragens singulares que o jovem pode fazer no campo do Outro social pela via da nomeação produzida pelo tensionamento das predicções, por exemplo, esta que reduz o adolescente a um objeto-dejeto, a “merda”, tal como demonstrou a situação clínica relatada já quase no final deste ensaio.

Foi nesta direção que indicamos as consequências do advento do sujeito: este que se apresenta entre o tempo da alienação e o tempo da separação do

campo do Outro da linguagem que o precede.

Conclui-se que, o convite ao espaço de fala dado ao adolescente, pode dar lugar a errância própria à linguagem e ao pensamento. E, com isso, no campo das significações, pode-se produzir mobilidades subjetivas ali mesmo onde as identidades fixas, que aprisionam o jovem em determinado perfil, sofreram um estado

de vacilação. Ou seja, o advento do sujeito, oposto ao campo da representação e das identificações, contribui para um deslocamento do lugar que, tantas vezes, o jovem se encontra identificado, o lugar de um objeto-dejeto e dejetado do campo do Outro social e familiar e suas incidências mortíferas sobre ele.

Referências

- Aichhorn, A (2006). *Juventud desamparada*. Barcelona: Gedisa Editorial. (Original publicado em 1925)
- Bemfica, A. (2017). *A errância entre o desejo e o gozo e sua relação com o ato infracional na adolescência*. Tese de doutorado não publicada. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Teoria Psicanalítica, Rio de Janeiro.
- Debieux, M.; Vincentin, M. (2010). *Os Intratáveis: o exílio do adolescente do laço social pelas noções de periculosidade e irrecuperabilidade*. Psicologia Política, vol. 10, n. 19, p. 107-124. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v10n19/v10n19a10.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2016.
- Douville, O. *Fundações subjetivas dos lugares da adolescência*. Porto Alegre, Revista Apoa, p. 76-89. 2002. Disponível em: <<http://www.apoa.com.br/download/revista23.pdf>>. Acesso em: 1 set. 2014
- Freud, S. (1996). Projeto para uma psicologia científica. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. I, pp. 335-454). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1895).
- _____. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. VII, pp. 117-196). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1905).
- _____. (1996) Prefácio à juventude desorientada de Aichhorn. In: S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, (Vol. XIX. p. 303-310). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1925)
- Garcia, C. (2011). *Clínica do social*. Belo Horizonte: Editora oficina arte e prosa.
- González Táboas, C. (2015). *Un amor menos tonto*. Uma lectura del seminario XXI de Lacan. Buenos Aires: Grama ediciones.

- Lacadée, P. (2011) *O despertar e o exílio: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições: a adolescência*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Lacan, J. (1998) Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. p. 127-152. (Original publicado em 1950)
- _____. (2005). *O Seminário, livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. (Original publicado em 1962-1963).
- _____. (2006). *Meu ensino*. Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1967).
- _____. (1998). *O seminário, livro XI: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1964).
- _____. (1973/74). *O seminário, livro XXI: Os não-tolos erram*. Bahia: Edição Pirata.
- _____. (2003). Prefácio a “O despertar da primavera, de Franz Wedekind”. In J. Lacan, *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1974)
- _____. (1998) Prefácio à Edição inglesa do Seminário 11. In: J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1976)
- _____. (1998). Nota sobre a criança. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1969).
- Lesourd, S. (2004) *A construção do adolescente no laço social*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Poli, M.C. (2002). *De volta para casa*. Revista Appoa. Disponível em: <<http://www.appoa.com.br/download/revista23.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2016.
- Poli, M. C. (2005). *Clínica da Exclusão. A construção do fantasma e o sujeito adolescente*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ramirez, M. (2014). Apresentação do livro: “Despertar da adolescência. Freud e Lacan leitores de Wedekind”. *Opção Lacaniana*, 2014. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_15/Apresentacao_do_livro.pdf>. Acesso em: 12. jan. 2017
- Santoro, V. (2011). *O fio do desejo*. Revista Reverso. N. 62. Vol. 33. Belo Horizonte. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952011000200011. Acesso em: 26 sept. 2016.
- Sauvagnat, F. (2004) El precio de una errancia. *L’interrogant*, Barcelona, n. 5, p. 8-14. Disponível em: <http://www.revistainterrogant.org/wp-content/uploads/05_todo_web.pdf>. Acesso em: 26 out. 2012.
- Tizio, H. (2007). *Novas modalidades do laço social*. aSEPHallus, n. 4, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/136718354/Assephallus-Sobre-Familia>. Acesso em: 10 março. 2017

Wedekind, F. (2014). *O despertar da primavera*. Trad. Sheila Ewert. Adapt. Zé Henrique de Paula. (Original publicado em 1871). Disponível em: <www.desvendandoteatro.com>. Acesso em: 1 out. 2016.

Sobre a autora

¹ *Aline Guimarães Bemfica* | Atualmente realiza pesquisa de pós-doutorado pela Fundação de Amparo à Pesquisa da cidade do Rio de Janeiro (FAPERJ/Pós-doc nota 10), na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nesta pesquisa, desenvolve projeto de intervenção no campo da psicanálise, na interface com a arte, com jovens em situação de migração, de refúgio e de errância. Possui doutorado em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2017). Em seu doutorado trabalhou o tema do jovem infrator, do desejo e da errância, a partir de sua prática clínica, exercida durante dez anos, com adolescentes. Possui mestrado em Teoria da Literatura, na Universidade Federal de Minas Gerais (2006) e graduação em Psicologia pelo Centro Universitário Newton Paiva (2003). Possui experiência clínica em Psicanálise com adolescentes, adultos e crianças (consultório particular e instituições). Trabalha, principalmente, com os seguintes campos: psicanálise, adolescência, socioeducação, direito, literatura.

Recebido em: 08/05/2017

Aceito em: 21/02/2018